

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POR UMA NOVA “CULTURA” DE APRENDIZAGEM

SANTOS, Jamerson Guerra¹

DOMINSCHEK, Desiré Luciane²

RESUMO: O presente artigo, baseado numa revisão de literatura, busca fomentar a discussão em torno da Educação à distância. São dispostas três dimensões, as quais foram entendidas como minimamente essenciais, para a proposta do Artigo. A primeira faz um breve panorama da trajetória histórica da Educação à distância, revelando a coincidência dos estágios do Ead com o padrão tecnológico de cada período de seu desenvolvimento. Na sequência discute-se sobre o papel e a relação dos agentes principais, no processo educacional que são alunos e professores, levantando-se a questão da necessária mudança de postura, tanto de um quanto de outro, não só na Ead, mas que é fator indispensável para o sucesso deste modelo de Educação. Por fim, destaca-se o indispensável uso das tecnologias da informação e comunicação na Educação, destacando que a simples introdução dos recursos da tecnologia de forma isolada não promove avanços de qualidade se estes não forem pensados de forma articulada com todos os processos do sistema educacional.

Palavras Chave: Cultura Educacional. Aprendizagem. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Há um consenso geral que a Educação é o “bem” de maior valor que o sujeito pode conquistar, isto por que, é o único inalienável, ou seja, não pode ser usurpado após sua conquista, distintamente dos demais bens, quando se constrói um saber, internaliza-se e de algum modo aplicamos em nossa vida e isto não pode ser retirado de nós, por que está compreendido em

¹ Graduado em Economia Pela Universidade Federal da Bahia, Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual da Bahia, Pós Graduado Em Formação Docente e orientadores Acadêmicos em Ead pelo Centro Universitário Internacional Uninter e Especialização em Tecnologias e Educação Aberta e Digital pela Universidade Federal do Recôncavo-UFRB

² Doutoranda em Educação, área de História e Filosofia da Educação pela Unicamp, Mestre em Educação, Especialista e graduada pela Universidade Federal do Paraná, professora do Centro Universitário Internacional Uninter.

nós.. Por outro lado, apesar de sua relevância, de seu poder transformador e empoderador o acesso é historicamente um privilégio de poucos numa evidente contradição social que é amplamente discutida.

Em seus diversos momentos históricos a educação recebe de forma inevitável, influências das políticas sociais criadas e projetadas por cada sociedade concreta, ao mesmo tempo em que participa do movimento de transformação social. Neste cenário de mudança o sujeito é impelido a aprimora-se a ser mais produtivo e manter-se “antenado”, e com isso manifesta-se uma concepção deturpada de educação, em que muitas vezes, esta deixa de ser um meio de realização e evolução da condição humana e é reduzida a uma mercadoria, como um produto que se dispõe em prateleira, sem vida, sem fôlego.

A Educação portanto, assume uma pauta de grande relevância, por que transcende os limites do indivíduo, por ser inquestionavelmente um fenômeno social, que envolve uma série de elementos políticos, econômicos e filosóficos. O conjunto de elementos que compõe esse fenômeno direciona o *modus operandi* do processo educacional, revela a forma de se vivenciar a educação, ou seja, a cultura educacional como se definiu chamar neste trabalho.

A cultura educacional, em todos os níveis (desde as séries iniciais, passando pelo nível médio até a educação superior) vem sendo grandemente questionada, pois seu modelo reprodutivo não leva em consideração a singularidade e as demandas potenciais do sujeito, valorizando pouco as dimensões psicológicas, sociais e as diferenças regionais. Não Reconhece-se que aquilo que se aprende já é continuidade de um processo anterior, realizado por tantos outros movimentos , e a peculiaridade deste aprendizado é o que se revela, pois cada um se utiliza do que já é estabelecido, de uma forma diferenciada e singular. O conhecimento construído não é uma matéria impenetrável, com fins em si mesmo, não é clausura e em razão disto não pode ser totalizado, ainda que tenha sido materializado ou transcrito em livros. É na articulação destes elementos mínimos, que sustenta a complexa rede do desenvolvimento educacional que vislumbra-se a possibilidade do aprender, não apenas como manifestação de um fenômeno isolado. Logicamente é uma condição natural do homem, mas esta condição é permeada por condicionamentos sociais e é por meio desta complexidade que se manifesta a “potencialidade criativa da vida”, em que

preconceitos e pragmatismos são gradativamente superados, oferecendo ao homem a ampliação da liberdade de pensar, agir, construir e reconstruir de forma incessante e inesgotável.

É este, portanto, a trajetória deste trabalho que é embasado por reflexões de diversos autores que ajudam na construção de uma concepção diferente da Educação, aproveitando o grande movimento de descentralização que a educação à distância promove. Se as dimensões de espaços e tempos são revolucionadas com a introdução das novas tecnologias de comunicação e informação, por que também não revolucionar a cultura educacional tradicional, que há muito já está sendo questionado por professores, alunos, intelectuais e outros agentes sociais? Com a educação à distância um novo paradigma educacional é possível de viger, Professores e alunos tem a oportunidade de atuarem de forma diferente num ambiente que a forma de acesso e a disposição da informação muda. O que antes professores traziam como novidades, os alunos já dispõe, de forma mais hábil inclusive, o papel do professor muda, assume outra dimensão ainda mais importante, para que toda essa informação disponível seja usada construtivamente pelos alunos, os quais muitas vezes não lidam com maturidade com o que lhe chegam através da tecnologia.

Sustentado por metodologia de pesquisas bibliográficas percorre-se numa construção dialógica o debate a cerca do uso das tecnologias no processo Educacional, desconstruindo-se a ideia de que por si só os usos destas tecnologias são suficientes para uma Nova Era no processo de ensino- aprendizagem, esta possibilita a expansão das fronteiras, mas não resolve todas as questões, que passam por uma concepção aberta de currículos mais dinâmicos e projetos pedagógicos mais direcionados que focalizem a demandas individuais e coletivas, do mundo do trabalho e do mundo particular do sujeito.

A grande contradição nas mudanças da sociedade contemporânea passa justamente por essa problematização. Se hoje se vive num mundo mais dinâmico e de novas e constantes exigências, o ideal seria permitir ao homem reconhecer a si mesmo, para que neste reconhecimento ele identifique seu potencial de contribuição e impulse a coletividade, e não seja conduzido a um processo mecânico da atividade do pensar e agir, desprovido de sensibilidade. Acreditamos que intensificada as práticas nesta direção desumanizadas a sociedade não alcançará um estado superior que certamente é possível ser alcançado.

1 EAD : BREVE HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO NO BRASIL

A discussão sobre educação à distância exige a compreensão do seu complexo sistema, que no “*Modus operandi*” atual, envolve Professores com formação diferenciada para lidar com a mediação de conteúdos à distância, profissionais da área de tecnologia, desde a parte mais técnica até os Designers instrucionais, além de profissionais de apoio da área pedagógica e acadêmica.

Porém, a Ead, não emergiu dentro deste modelo tecnológico tal qual conhecemos hoje, desde tempos mais remotos, a Educação à distância já era praticada, observando-se que foram os meios, métodos e práticas, como historicamente ocorrem diante da evolução social, é que são transformados ao longo dos tempos.

De acordo com Guarezi e Matos, (2009) a Educação a distância no mundo possui diversos momentos conforme segue:

- 1728 à 1970 _ Período que foi considerado como a primeira geração da Ead. Neste a mediatização do conteúdo era feito por meio de correspondências, o material era impresso e o aluno tinha acesso e devolvia as atividades realizadas pelos correios. A interação entre professores e alunos era remota e pouco dinâmica.
- 1970 à 1990 _ Fase que representa a segunda geração de Ead. Esta é caracterizada pela utilização de novos recursos de comunicação audiovisuais, com a introdução do rádio e da televisão no processo de mediatização do conhecimento. Tornando o ensino à distância mais dinâmico.
- A partir da década de 1990 _ A partir desta fase a Educação à distância, ganha novos parâmetros com uma integração de redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídias, e com variadas possibilidades

de difusão e diversificação de métodos. Nesta geração, a tendência é a integração dos diversos meios utilizados até então pela Ead.

Observa-se que em todos esses momentos, que foram apresentados de forma sucinta, e sem aprofundamentos em suas nuances, é que todos eles estão associados aos paradigmas econômicos, produtivos e tecnológicos de cada época. O paradigma vigente da Ead ganha robustez com a incorporação dos recursos on line e digitais, conforme evidencia Maia e Mattar (2007 p.22) “Por volta de 1995, com o desenvolvimento explosivo da Internet, ocorre um ponto de ruptura na história da educação a distância. Surge então um novo território para a educação, o espaço virtual da aprendizagem, digital e baseada na rede. Surgem também varias associações de instituições de ensino a distância. Pode-se, portanto pensar em um novo formato do processo de ensino-aprendizagem”.

Isto está associado à necessidade da constante necessidade de qualificação profissional, do desenvolvimento de novas técnicas e competências. E este processo formativo precisa acontecer de forma continuada, sem retirar os sujeitos envolvidos de seus ambientes de trabalho, isto é, sem distanciá-lo do seu laboratório, ou melhor, sem dissociar-se intrinsecamente teoria da prática.

Portanto emerge o papel fundamental da Educação à distância, no mundo globalizado, dinâmico e em constante transformação no qual a emergência de novos saberes é uma necessidade permanente. Litto, (2006, apud Guarezi e Matos, 2009, p. 34) considera que:

O crescimento da Ead na atualidade se deve, em grande parte, a dois fatores: a evolução das tecnologias de informação e a importância do conhecimento na sociedade contemporânea, que gera demandas crescentes por formação permanente... a internet adquiriu nos últimos anos papel extraordinário, ao permitir que milhões de brasileiros possam aprender em qualquer lugar, seja em casa, no escritório, na fábrica, num tele-centro ou nos momentos de lazer.

No Brasil, a educação à distância, começa a ser incorporada no marco regulatória a partir da Lei 9.934 de 20 de dezembro de 1996, em seu Artigo 80,

estabelecendo os programas de ensino a distância. No entanto esta introdução inicial na legislação educacional brasileira não foi suficiente para consolidar a Educação a distância como um modelo sustentável e de referência para o processo de formação de qualidade, conforme assevera Filho(2012,p.344) esse aspecto foi por que

Infelizmente, a modalidade padeceu (e ainda padece) de preconceitos arraigados na crença de se tratar de uma forma de educação de segunda categoria e, portanto, de qualidade inferior ao do ensino presencial. Provavelmente o descrédito com a Ead em nossa sociedade vem do período em que ela se baseava em ensino por correspondência, para uma parcela da população menos favorecida economicamente, reforçado para alguns casos contemporâneos de flagrante baixa qualidade.

Porém, mesmo apesar desta grande resistência e associação com modelos de qualidade duvidosa o movimento em torno da educação à distância cresceu e exigiu novos instrumentos legais, como forma de estabelecer as diretrizes específicas para o modelo. O decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, foi sem dúvida o principal instrumento de regulamentação da Ead no Brasil, pois estabelecem critérios, desde o credenciamento até os níveis de curso que podem ser ofertados nesta modalidade, inclusive estabelecendo uma caracterização do que vem a ser educação a distância, conforme destacado a seguir:

Caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, DECRETO N° 5.622/2005).

O decreto é claro em sua concepção de Educação à Distância, no entanto não podemos simplificar um fenômeno desta dimensão, que envolve toda uma engrenagem para poder funcionar de forma eficiente. O suporte tecnológico na implementação da Ead, é um requisito essencial, melhor, foi o próprio desenvolvimento tecnológico que possibilitou a expansão desta modalidade de educação. Mas este suporte tecnológico é apenas um componente da engrenagem, que

deve estar associado com uma concepção clara de educação formativa e construtiva do conhecimento, que deve estar apoiada em projetos pedagógicos atualizados e condizentes com as novas realidades e necessidades do aprendiz. Para isto, este sistema deve apresentar-se de forma sustentada por meio de subsistemas que contempla: Comunicação, tutoria, produção de material didático, avaliação de desempenho e aprendizagem. A operacionalização conjugada destes elementos deve promover o diálogo entre todos os agentes envolvidos com a educação, desde os órgãos normativos, executivos e fiscalizatórios, bem como as próprias instituições de ensino, públicas e privadas, sendo estas últimas, as principais ofertantes.

2. O PAPEL DOCENTE E DO ALUNO NA APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA.

Estudar à distância envolve um esforço pessoal maior, visto que, os estímulos não são imediatizados por um ambiente comum e de frequência obrigatória como ocorre no modelo tradicional de Educação. Não significa dizer, que o estudante deva estar isolado, ainda que sozinho, os subsistemas que foram citados anteriormente devem estar dispostos de forma que, o aprendiz possa encontrar o apoio necessário em seus momentos de anseios e dúvidas. A seguir utilizamos a conceituação de Preti (2002, p.26) para ratificar a complexidade do estudo à distância.

Podemos compreender educação a distância como um processo de auto- aprendizagem centrado no sujeito aprendente, com capacidade de ser autônomo, de gerir sua formação (auto-formação) como um processo mediatizado pelos meios tecnológicos acessíveis a esse sujeito e apoiado por uma instituição que lhe oferece todo tipo de suporte, do cognitivo ao afetivo, para que se dê a interação e a intersubjetividade. (PRETI,2002, P.26)

Estudar é o “fenômeno” que mobiliza gerações, no entanto, na realidade mundial ainda são poucos os quais têm acesso ao processo de estudo sistematizado e formativo de ensino, que genericamente denominamos educação. Hoje não é mais preciso fazer-se presente num espaço tradicional e com frequência cotidiana para se conquistar este bem inalienável que chamamos conhecimento e que é comumente conquistado pelo processo de estudo, este envolve observação, análise, leitura e disposição pessoal.

O público-alvo do Ead é eminentemente adulto, dos quais, muitos já estão há

muito tempo inseridos no mundo do trabalho e que na época de conclusão dos estudos regular (conclusão do ensino médio), não quiseram ou puderam ingressar no estudo universitário. Esta característica de um público eminentemente adulto é uma vantagem, por que, ao menos em tese, são pessoas decididas, que sabem o que querem, buscam uma qualificação para melhoria profissional e geralmente buscam uma formação em uma área que já atuam a determinado tempo. Por outro lado, são pessoas que estão a um tempo fora do ambiente de sala de aula, muitos dos quais não exercitam o hábito da leitura e por isso precisam de uma mudança em seus hábitos para bem atuarem enquanto estudantes de educação à distância. Isto por que a educação à distância praticada hoje é bem diferente na forma de sua aplicação, daquele modelo que lhe deu origem. Hoje os recursos tecnológicos são imprescindíveis para viabilização do Ead, ou melhor, foi o próprio desenvolvimento tecnológico que possibilitou uma nova era para o estudo a distância.

Desta forma, o estudante do Ead, precisa estar consciente de seu papel de agente autônomo, definir sua regularidade bem como suas estratégias, visto que o fato de não ter de frequentar todos os dias uma unidade educacional não lhe furta a obrigação de acompanhar conteúdos remotamente pelos ambientes virtuais de aprendizagem. Cumprimento de prazo é outro ponto importante para este estudante, por isto a elaboração de um calendário de estudos torna-se indispensável. Mencionou-se que o aluno de Ead, deve desenvolver a autonomia por meio do auto estudo, porém não implica pensar que este aluno deva estar sozinho, desamparado e desconectado, muito pelo contrário, para dar continuidade em seu desafio de estudar, precisa de algum modo sentir-se amparado, ser ouvido e orientado.

O desenvolvimento do aprendizado, na prática por meio da educação à distância, envolve, portanto uma engrenagem, ou melhor, um sistema, no sentido mais amplo do termo, que funcione e seja constantemente reavaliados, e que esteja em relativa harmonia.

A prática do profissional do profissional na Ead deve ser dedicada, bem intencionada e desvinculada de pré-conceitos, associado a isto, o sistema tecnológico e pedagógico deve favorecer a atuação deste profissional, conforme considera Guarezi e Matos, 2009.

Na Ead, a construção do conhecimento deve ser apoiado por um processo de interatividade, com qualidade suficiente para provocar e dar sustentação ao conjunto de aprendizagens pretendidas pelos participantes. Esse processo, na melhor das hipóteses, deveria envolver todos os atores e o ambiente, proporcionado a interação entre professores, alunos, direção, suporte tecnológico entre outros, de forma organizada, colaborativa e multidirecional. (GUAREZI e MATOS, 2009, P.122)

A atuação docente na Educação à Distância exige uma cultura diferenciada da exercida no modelo tradicional de educação, visto que existe uma distância física que não pode ser percebida como uma barreira, a interação deve ser constante, o conteúdo deve ser transmitido de forma estimulante e clara, isto é, a mediatização é uma ação constante e ampla desde a concepção pedagógica até a construção do material didático. Este método fará com que o aluno esteja e sinta-se conectado com o desencadear do processo, evoluindo passo-a- passo. Arterio(1994) e Martins(2002) (apud Romanowski, 2010 p.96) destaca algumas condições da atuação docente que são imprescindíveis e que estão plenamente alinhadas com os fundamentos da Educação à distância e que transcrevemos a seguir:

- Utilização de procedimentos didáticos, considerando as novas tecnologias e processos comunicativos;
- Novas Formas comunicativas com utilização de diferentes linguagens;
- Assessoramento aos alunos na elaboração de seus planos de estudo e definição de currículo de curso;
- Orientação aos alunos na utilização de recursos tecnológicos e cognitivos para que eles possam auto-regular sua aprendizagem;
- Habilidade na utilização de ferramentas diferenciadas que permitam uma aprendizagem diversificada e singular, contemplando as diferenças culturais dos alunos;
- Sistematização da avaliação de modo a garantir maior aprendizagem dos alunos, o que requer o emprego de procedimentos diversificados;
- Organização das atividades de ensino, considerando as novas culturas da aprendizagem e escolarização.

Portando a formação docente para o Ead, deve ser diversificada, o docente não é um elemento isolado no processo, não é apenas um sujeito que assume um projeto

pedagógico, ele ajuda na elaboração deste projeto, e dá continuidade na sua execução, sua vivência docente não deve estar limitada ao momento da “transmissão do conhecimento” na “sala de aula”, compõe portanto um organismo complexo e dinâmico.

Mas indo além das questões dos requisitos para atuação docente, no Ead, voltamos à questão de como deve ser a atuação deste professor na prática, visto que seu público, como evidenciado anteriormente, é eminentemente de adultos. Transcrevemos um fragmento da declaração de Hamburgo sobre educação de adultos – V CONFITEA, Citado por Soares (2008).

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas "adultas" pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos), (V CONFITEA, UNESCO, 1997, p. 42, apud, Educação em Revista)

Ressaltamos que esta conferência não teve como objeto a educação à distância, no entanto aproveitamos para refletir sobre a concepção de educação de adultos na modalidade à distância. Tomando-se a passagem transcrita como um parâmetro, o educador de Ead, deve ter consciência de seu papel como um mediador do conhecimento, deve ter intrínseca em sua forma de atuar as relações teoria-prática, ensino-aprendizagem, formação e investigação, ação e reflexão. Portanto a educação e formação de adultos na modalidade a distância é uma atividade regular com singularidades e adequações metodológicas e um “novo modelo” de concepção pedagógica, que deve estar comprometida com a realização do indivíduo em todas as perspectivas de vida: humana, social, política, tecnológica.

Há embutido no desafio de conhecer e saber fazer, uma componente histórica que revela o ambiente em que se processa o aprendizado, as influências externas na forma de como se aprende e como se usa o que se aprendeu (seu resultado) e uma dimensão que é cognitiva, revelando a essência individual de cada ser, possibilitando

que cada um aprenda uma mesma coisa de forma diferente e própria. Essa “composição dualista” ratifica a complexificação da aventura de aprender seja qual for a trajetória percorrida.

O professor é sem dúvida um elemento essencial na difícil tarefa de fomentar o aprendizado, ele é o mediador entre o conhecimento estabelecido e a o aprendiz tateante. Não devemos, portanto, responsabilizar integralmente o docente pelo aprendizado ou não- aprendizado do agente que deseja aprender, essa divisão é delicada e sutil, pois até aonde vai a capacidade do professor como um “instrumento de mediação” no aprender alheio?. Destacamos que, para ser este mediador o professor deve estar preparado, motivado, atualizado oferecendo aos alunos as diretrizes e os direcionamentos para aquele que ainda não está maturado, desperte a curiosidade que o movimenta e o leva a querer saber mais e mais. A ação do professor está contextualizada numa dimensão histórico-social, no qual este busca o conhecimento para dinamizá-lo e difundir entre outra maioria que estudou menos, mas que pode naturalmente atingir um estágio ainda mais avançado daquele que lhe motivou para a tarefa de aprender. A seguir reproduzimos um trecho de (ROMANOWISKI, 2010, p.114) que traduz bem a nossa forma de pensar.

A concretização da ação docente realiza-se no cotidiano, na sala de aula, ou seja, na prática. A prática educacional está inserida na tessitura social e é configurada na interação entre sujeitos e grupos. A concretização da intencionalidade educacional como prática social contextualiza-se historicamente e efetiva-se em movimento de natureza complexa, conflituosa e contraditória, devido às relações sociais na sociedade contemporânea.

Complementarmente considera:

... O professor atento e dedicado ao exercício permanente da observação e crítica, da ação e da avaliação, ética e política, singular e compartilhada, favorece que as gerações transcendam a si mesmas, desafiando-se e reconstruindo-se. Uma nova prática social é resultante da análise crítica do enfrentamento dos problemas existentes. A sistematização resultante aponta indicativos para proposições de alternativas aos novos problemas. (ROMANOWISKI, 2010, p.114)

Evidente se torna a importância do professor na aprendizagem, certamente uma boa atuação deste contribui para que tantos outros interajam com o

conhecimento. Mas qual é o papel do aluno ou aprendiz neste movimento? Se o professor é um agente importante, o aluno é o próprio elemento do aprendizado, é o demandante, deve ser, portanto o principal interessado.

Não existe professor, método ou prática pedagógica eficiente para aluno que não queira aprender. Qualquer humano interessado e desejoso de aprender pode o fazer, mesmo sem a importante mediação do professor. Quando nos dispomos a enfrentar a “arte” de aprender precisamos ter consciência das nossas limitações e potencialidades, o reconhecimento da limitação nos faz humildes e, portanto revela a vastidão de conhecimentos que podemos angariar por toda a nossa existência e o reconhecimento das nossas potencialidades nos impulsiona, por que revela que não existe conhecimento que não possa ser internalizado, desde que haja dedicação, desprendimento e busca. Paulo Freire retrata este movimento do humano no processo de aprendizado, em que a conquista de conhecimento evidencia o quanto ainda se desconhece e, portanto revelam outras tantas possibilidades de conhecer.

Continuemos a pensar um pouco sobre a inconclusão do ser que se sabe inconcluso, não a inconclusão pura, em si, do ser que, no suporte, não se tornou capaz de reconhecer-se indeterminado. A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo sem sonhar, sem cantar, sem música, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos sem esculpir, sem filosofar, sem ponto de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível” (FREIRE, 1996, p.53).

O pensamento de Freire indica o quanto o sujeito precisa estar aberto, consigo e com o mundo para mergulhar na busca pelo aprendizado e construir o objeto deste que é o conhecimento. Este movimento requer uma autonomia, uma disposição pessoal, que independe de condições, do professor, da escola, a despeito da já mencionada relevância destes últimos no processo. Assim “o ensino e a educação tornam-se pessoais, individuais, isto é, só há educação quando houver auto-educação; só existe

aprendizagem quando ocorrer auto-aprendizagem.”

A natureza da aprendizagem é dialética, envolve discussões, diálogos, debates e partir disso cada indivíduo realiza sua síntese o pensamento de Demo nos ajudar a delinear esta construção:

Com efeito, conhecer não é afirmar e confirmar, mas questionar. Seu primeiro gesto e mais característico é desconstruir o que existe e o que ele mesmo afirma. Apenas depois, pensa em reconstruir, para de novo desconstruir. Alguns chamam isso de *potencialidade disruptiva*, para indicar a energia indomável do saber pensar. No fundo do conhecimento lateja a vibrante rebeldia humana, encontrando aí uma das fontes mais fecundas de sua autonomia...Por meio do conhecimento disruptivo, o ser humano desprende-se de suas amarras, fraquezas, carências, incompletudes, imperfeições, porque pode descobrir as razões delas e agir sobre elas...Conhecer é energia do confronto, através do qual o ser humano pode recusar-se a aceitar o que quer que seja, transformando- muitas vezes temerariamente- todos os limites em desafios, como se pudesse ultrapassar a todos. É limitado, sofre, envelhece, morre, mas faz de conta que é um deus, mesmo com pés de barro. (DEMO, 2007, p.102)

Complementarmente, a avaliação não deve ser reduzida a elementos de atribuição de notas, pois por si só, não são instrumentos de aferição do conhecimento, e comumente a avaliação é até utilizada como um mecanismo de repressão no modelo tradicional de ensino. As escolas progressistas devem pensar nos métodos de avaliação como ferramentas de impulsionar o aluno no mergulho do novo, do inesperado, do surpreendente, para que um sentimento de renovação tome conta das práticas de estudo dos alunos. Nesta relação a atuação do educador é fundamental para direcionar este estudante. O Professor precisa fazer que os aprendizes tenham consciência que a finalidade da avaliação não é a nota em si mesmo, e sim a construção do conhecimento, o qual deve ocorrer numa dinâmica reconstrutiva e progressiva.

Quando falamos na Educação à Distância os aspectos qualitativos do processo de avaliação ganha um significado ainda mais relevante, pelo motivo que nesta modalidade de ensino a autonomia no hábito de estudo e aprendizagem é ainda maior. O fato de o aluno comparecer para aulas dialógicas apenas uma vez semanalmente, quando há esta obrigatoriedade, ou não havendo encontros, exige que este insira em sua rotina o estudo regular. As avaliações da Ead devem ser dinâmicas, não decorativas, e multidisciplinares. O Estudante, portanto deve estar conectado ao seu

instrumento de estudo (ambientes virtuais), porém não condicionados a ele, deve ir além, buscando livros, autores e contextualizar o conteúdo, deve, portanto lançar-se na pesquisa bibliográfica e referencial.

3 A TECNOLOGIA COMO UM RECURSO EDUCACIONAL

O desenvolvimento da tecnologia possibilitou avanços importantes para a sociedade e para a própria educação, haja a vista o exemplo da Educação a distância que permite que muitas pessoas, antes a margem, tenha acesso hoje ao conhecimento.

A sociedade está em constante processo de evolução e mesmo revolução, a cada momento, novas demandas emergem e inevitavelmente tem-se de estar conectados e sintonizados para acompanhar a dinâmica de novos paradigmas. Quando associado ao movimento educacional as tecnologias e suas inovações auferem particularidades importantes, isto porque há vários níveis de sujeitos envolvidos a exemplo de professores, alunos, gestores, técnicos que precisam estar sintonizados para que os meios de transmissão de informações por meio da tecnologia não sejam apenas elementos figurativos associados a modelos de baixa eficiência pedagógica.

Uma consideração importante sobre inovação e tecnologias educacionais é realizada por Brito e Purificação, 2008.

Consideramos Devemos observar também que vivemos em uma sociedade tecnologizada. No cotidiano do homem do campo ou do homem urbano, ocorrem situações em que a tecnologia se faz presente e necessária. Assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que podem proporcionar ao sujeito a construção de conhecimento, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los. Ou seja, estamos em um mundo em que as tecnologias interferem no cotidiano, sendo relevante, assim, que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção e a interpretação das tecnologias. Sabemos que o cenário tecnológico e informacional requer novos hábitos, uma nova gestão do conhecimento, na forma de conceber, armazenar e transmitir o saber, dando origem a novas formas de simbolização e representação do conhecimento. Para tanto, necessitamos ter autonomia e criatividade, refletir, analisar e fazer interferências sobre nossa sociedade. (BRITO E PURIFICAÇÃO, 2008. P.23)

A questão não está apenas da implementação tecnológica, percebe-se a

inevitabilidade da inserção das tecnologias no ambiente educacional, porém uma vez realizada a introdução das ferramentas, surge outra questão, que está relacionada ao método ou prática da docência por meio das ferramentas, ou seja, como utilizar de forma benéfica e eficiente? Como interagir com os aprendizes? A interação destes dois agentes de forma harmônica é imprescindível para o bom aproveitamento das inovações.

Tratar de como se estabelece este processo de introdução e uso da tecnologia nas práticas educacionais, envolve não só a reflexão à cerca do processo tecnológico em si mesmo, mas de uma análise crítica para que não se reproduza práticas associadas ao método tradicional de educação, baseado no legado positivista, com currículos pouco diversificados e limitados que não consegue compreender a novas demandas do “saber fazer”, ou seja, que não atenda aos anseios de uma sociedade de transformações aceleradas decorrentes dos avanços técnico- científico que marca a contemporaneidade pela emergência de novas tecnologias da comunicação e informação, que trazem novos desafios para os processos formativos, comunicativos e educacionais.

Ao perceber as tecnologias da informação e comunicação como um produto da ação do homem em sua interação social, não cabe ser tratado de forma isolada. A presença destas novas tecnologias tem trazido outras formas de compreensão para as noções de tempo e espaço, de real e virtual, e o modo como este fenômeno é assimilado ou percebido influencia na vivência educacional. Nesta vivência é importante uma clareza de objetivos bem como uma compreensão destas, como geradoras de conhecimento e não como meros recursos ou meios com fins em si mesmos. Evidenciamos este desdobramento com a proposta a seguir:

Consideramos que a análise do conceito de inovação de uma perspectiva pedagógica dependerá do particular conceito de educação que orienta o procedimento inovador e que, portanto, deve ser tomado como parâmetro. Há uma necessidade real de que educadores comprometidos com o processo educativo se lancem à produção ou assimilação crítica de inovações de caráter pedagógico, podendo, assim, aproveitar o estreito espaço de movimento existente no campo educacional, para gerar mudanças que não sejam simples expressões de modernidades. Dessa forma, no

conceito de inovação que se propõe hoje, está envolvida a utilização de novas tecnologias em sala de aula, o que implicará novos projetos fundamentados em concepções de ensinar e aprender diferentes das propostas já existentes. (BRITO E PURIFICAÇÃO, 2008. P.37)

Conforme exposto a presença e o uso das tecnologias nos ambientes de estudo não garantem por si só, mudanças qualitativas na Educação. Situado nesta dimensão é importante a reestruturação da relação comunicativa na cultura das instituições de ensino, na relação docente estudante e num estabelecimento sequencial do que entendemos com trabalho pedagógico, assim sendo, as tecnologias digitais serão efetivamente aproveitadas na aprendizagem de alunos e professores.

Repensar a importância das tecnologias de informação e comunicação como componentes do processo educativo e conteúdos programáticos enquanto corpo de saberes que se realiza na prática educacional deve ser algo contínuo, visto que, de um modo geral, esta introdução tecnológica ainda é um advento recente, carece-se ainda de amadurecimentos por meio de práticas docentes que possam ser ampliadas para todos os níveis do processo de formação escolar dos estudantes. A saber, que:

Grande parte da má utilização das tecnologias educacionais, a nosso ver, deve-se ao fato de muitos professores ainda estarem presos à preocupação com equipamentos e materiais em detrimento de suas implicações na aprendizagem. De um lado, a inovação – referente a novos métodos de ensino ou emprego da televisão da televisão, de slides, de vídeo e, agora, do computador- têm esse apelo de deslumbramento; de outro, elas não são integradas facilmente ao cotidiano escolar. Para que as tecnologias não se constituam apenas em uma novidade e não prestem ao disfarce dos reais problemas existentes, julgamos conveniente que os professores compreendam e aceitem que, atualmente, as mudanças nos proporcionam os instrumentos necessários para respondermos à exigência quantitativa e qualitativa de educação, que esta mesma provoca. O que precisamos saber é como reconhecer essas tecnologias e adaptá-las às nossas finalidades educacionais. (BRITO E PURIFICAÇÃO, 2008. P.41)

Uma vez superada as barreiras do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação, o foco deverá estar voltado para a identidade dos agentes com estes mecanismos. Deste modo, a interação entre agentes educacionais e tecnologia permitirá a realização da criatividade e a construção de possibilidades diversificadas plausíveis na prática docente, de maneira a influenciar positivamente a postura dos aprendizes na construção do conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é a mola propulsora da sociedade, a forma como se ensina e aprende, passa na atualidade por um processo profundo e amplo de transformação, tanto estrutural quanto filosófico. No entanto, mesmo os adeptos desta concepção, os governantes e os demais envolvidos com este mecanismo de progresso, estão fortemente condicionados pelo paradigma educacional do modelo tradicional. De modo que, a Cultura educacional ainda reproduz as formas que estão sendo questionadas por professores, alunos, técnicos e estudiosos, numa evidente contradição entre aquilo que se vive e o que é buscado.

Um grande desafio está lançado, com necessidade de emergência de um novo paradigma que seja capaz de integrar saberes distintos de uma forma harmônica e construtiva que possibilite o sujeito aproveitar suas potencialidades, desejos e virtudes, superando a forma opressiva de aprendizado em que a essência humana não é valorizada, onde o mecanicismo prevalece e congela os saberes individuais e coletivos.

E importante ressaltar que esta concepção de uma nova educação, mais profunda não pode dispensar o método ou aprimoramento técnico, neste modelo não deve se prescindir de conceitos como competência e mesmo eficiência em objetivos quantificáveis, mas o destaque é que no processo educacional deve-se ir além destes, permitindo ao aprendiz a conciliação dos valores pessoais para que haja uma sinergia entre vida pessoal, profissional e desenvolvimento coletivo de forma integral sem nenhum tipo de “castração” devendo considerar as diferenças entre os sujeitos numa dimensão multicultural. Reconhecemos que isto não é algo tão simples, trata-se de uma mudança de hábitos e cultura e passa também por uma ressignificação mais ampla, tanto por parte individual como também coletiva. Elementos de políticas públicas a exemplo da valorização profissional, implementação de novos currículos e modelos pedagógicos.

É neste contexto que destacamos o papel da Educação a Distância, como um motor dinamizador da reconstrução e reconfiguração, revelando um novo paradigma educacional. Percebe-se que este tipo de educação ainda suscita uma série de

desconfianças e questionamentos. Mas é preciso levar em consideração a valia e eficiência desta modalidade de educação e logicamente fazer-se cumprir suas diretrizes, para que aqueles que não a levam a sério não tenham espaço para atuar.

Oferecer educação à distância de forma séria e comprometida com o desenvolvimento educacional das pessoas envolve uma concepção orgânica que contempla desde um projeto pedagógico até a produção do material didático, passando por um suporte tecnológico bem desenvolvido e profissional do saber comprometido com a formação de outros sujeitos.

A relação entre professor e aluno ganha uma nova dimensão, visto que à distância física não deve ser sentida, ainda que factual. O Professor não é apenas um mero verbalizador de conhecimento, ele atua como um orientador acadêmico que facilita a construção do conhecimento por parte do aluno. Este por sua vez, não deve ser apenas um leitor passivo do conteúdo, visto que no Ead, a autonomia deve ser atributo do estudante, esta atitude lhe possibilitará uma busca constante por novos conhecimentos e a cada aprendizado conquistado um novo impulso lhe projetará para novas aventuras, de modo que sua formação seja uma construção ampla e continuada.

Ratificamos a introdução das tecnologias da comunicação e da informação como um movimento inevitável para o aprimoramento educacional, em que a interação entre docentes e estudantes deve estar mediada por práticas pedagógicas ampliadas e voltada para a formação integral dos sujeitos envolvidos. Isto que dizer que a utilização das inovações tecnológicas não deve ser utilizada apenas como meio, mas com instrumento real da aprendizagem, ou seja, o aparelhamento é uma condição necessária, mas não suficiente no processo de formação.

REFERENCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto N° 5.622**, 19 de dezembro de 2005. regulamenta o art. 80 da Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diretrizes e bases da educação. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em: 30 jun.2014
- BRITO, G.S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias**. 3° Ed. Curitiba: Ibepe,2008. 139p.
- DEMO, P. **Metodologia da Investigação Científica em educação**. Curitiba: Ibepe, 2005. 192p.
- DEMO, P. **O Porvir: Desafios das linguagens no século XXI**. Curitiba: Ibepe, 2007.
- FILHO;H.C. **Regulação da modalidade de Ead no Brasil**. In:FORMIGA,M.; LITTO,F.M.(Org.).**Educação à distância: O estado da arte**.V.2.São Paulo, Pearson,2012.p.344-361.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUAREZI,R.C.M.; MATOS,M.M. **Educação à distância sem segredos**. Curitiba: Editora Ibepe,2009.
- MAIA,C.;MATAR,J.ABC da EaD: **A educação a distância hoje**. São Paulo, Pearson.2007.
- PRETI,O. **Fundamentos e Políticas em Educação à distância**. Coleção Educação à distância, n°3. Curitiba: Ibepe, 2002.
- ROMANOWSKI, J. P. **Formação e Profissionalização docente**. 4. Ed. – Curitiba: Ibepe, 2010.
- SOARES, L. **Educador de Jovens e adultos e sua formação**. Educação em Revista. N° 47. BeloHorizonte,jun.2008.Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4698200800010005. Acesso em: 20 mai.2014.